

A luta contra o fascismo começa com a luta contra o bolchevismo

Otto Rühle

1939

Conteúdo

NOTA INTRODUTÓRIA (Alfredo M. Bonanno)	3
I.	6
II.	8
III.	11
IV.	14
V.	17
VI.	20
VII.	22

NOTA INTRODUTÓRIA (Alfredo M. Bonanno)

Agora que a trágica história do fascismo percorreu todo o seu curso de desenvolvimento formal, culminando no Estado democrático moderno, o artigo de Rühle torna-se mais facilmente compreensível para nós. Foi escrito no final da década de 1930 e dedicado à luta contemporânea contra o bolchevismo e o fascismo.

O verdadeiro domínio do capitalismo atual demonstra que os projetos autoritários que forneceram a plataforma para o fascismo contemporâneo (camuflado pela democracia) e os do bolchevismo contemporâneo (camuflado pela ditadura do proletariado) são bastante semelhantes.

Para sermos mais explícitos, podemos dizer que, ao abandonar a autoridade formal (onde era necessário o fascismo dos cenários e das suásticas) em prol do poder real, o projeto capitalista está se desenvolvendo na direção do controle total. Esse controle pode ser alcançado de duas maneiras que, no entanto, levam ao mesmo ponto: a) a democrática, baseada em uma descentralização externa da tomada de decisões, reconstituindo o poder em uma centralização do controle, como ocorre nas chamadas democracias ocidentais; b) a capitalista de Estado, baseada em dar à exploração uma cobertura ideológica e no controle direto pelo partido comunista, como ocorre em todos os chamados países comunistas, em maior ou menor grau.

Se avaliarmos ambos os caminhos e considerarmos o que ainda falta para os exploradores alcançarem seu objetivo, devemos afirmar que são precisamente as democracias ocidentais que estão mais avançadas no caminho do controle total, e não os regimes totalitários "comunistas". De fato, ao escolherem o caminho mais rápido para o controle total (o da ideologia e do controle completo do aparato estatal), estes últimos escolheram o caminho menos estável e, ao mesmo tempo, o mais perigoso (para eles). Esses regimes estão diante de um enorme potencial de explosão de rebelião, não apenas de uma minoria marginalizada específica (como é o caso das democracias ocidentais), mas também da grande massa de explorados. Por outro lado, as democracias ocidentais — não tanto por mérito próprio, mas pelo mecanismo da competição capitalista — se viram diante da necessidade de recorrer a meios de dominação mais sutis e, portanto, podem realizar com mais cuidado e inteligência o tipo de controle que caracteriza o verdadeiro fascismo hoje.

Bastaria examinar os diferentes conceitos de repressão que vimos indicados nos modelos de Estado mencionados acima, para perceber o quanto o fascismo dos países da "ditadura do proletariado" tem a aprender com o fascismo dos países da "democracia ocidental". No primeiro caso, a repressão atinge não apenas os dissidentes em si, mas também amplas camadas de trabalhadores e camponeses que, por diversas razões, não aceitam, ou simplesmente não demonstram aceitar, a dominação do aparato partidário. Os campos de concentração são estruturados para abrigar não uma minoria criminalizada de dissidentes, mas vastas camadas da população, quando não comunidades inteiras. No Ocidente, as prisões especiais — por exemplo, na Itália — selecionam uma minoria criminalizada que, por meio do mecanismo de consenso, é extorquida da grande massa explorada e, separada do corpo social, é vista como "diferente". O fascismo moderno da democracia ocidental tem esta característica: estabelece-se como uma estrutura de poder que pretende fazer com que todos "participem" e que não exclui ninguém, mas apenas sob a condição de que o controle permaneça nas mãos de uma minoria restrita, capaz de coordenar todos os centros de poder econômico com os centros de poder político, na visão de que um desenvolvimento total do controle fará com que economia e política se alinhem perfeitamente. O fascismo dos Estados "comunistas" apresenta-se claramente como retrógrado, menos inteligente, visto que o uso massivo da ideologia para condicionar as relações poderia levar alguém a pensar de forma diferente. Basicamente, porém, a fase estritamente espetacular da dominação (as enormes imagens de Lenin, Mao, etc., absolutamente impensáveis em termos ocidentais), por mais sofisticadas que sejam, sempre representam uma forma vermelha de fascismo (pensamos na China da Revolução Cultural), em essência não muito diferente dos grandes desfiles nazistas de Nuremberg, ou das exibições do outro bufão do Palazzo Venezia.

É preciso dizer que os modelos fascistas chinês e russo estão agora se voltando para a sociedade progressista e "aberta" típica das democracias ocidentais, visto que até mesmo os altos escalões do partido começam a compreender as dificuldades de manter o domínio formal sobre as massas exploradas

persistindo na eterna repetição de uma ideologia espetacular. Talvez um dos maiores obstáculos para a adoção de formas mais racionais de fascismo seja a divisão político-militar do mundo em blocos de poder, mas isso não altera o fato de que, por exemplo, a recente "libertação" da China permitiu uma penetração do modelo americano, ainda que apenas nesse nível de produção e consumo.

Este breve artigo de Rühle, portanto, mantém sua relevância. Escrito no calor do momento, surpreendentemente percebe relações que, para a época, eram extremamente intrincadas e obscuras. A luta contra o fascismo começa com a luta contra o bolchevismo. Hoje repetimos da mesma forma: a luta contra o fascismo sofisticado começa com a luta contra a variedade mais grosseira e, portanto, mais facilmente compreensível. De fato, ao analisarmos a natureza fascista de formas de Estado como as chamadas comunistas, percebemos que a única solução é a destruição imediata e definitiva do poder, seja qual for a forma que ele assuma. Confirmamos que o modelo anarquista de intervenção na realidade é o único que pode fazer com que a luta contra o fascismo prossiga na direção correta.

Alfredo M. Bonanno

27 de maio de 1981

I.

A Rússia deve ser colocada em primeiro lugar entre os novos Estados totalitários. Foi a primeira a adotar o princípio do novo Estado. Foi a que mais o aplicou. Foi a primeira a estabelecer uma ditadura constitucional, juntamente com o sistema de terror político e administrativo que a acompanha. Adotando todas as características do Estado totalitário, tornou-se, assim, o modelo para os outros países que foram forçados a abandonar o sistema democrático de Estado e a adotar um regime ditatorial. A Rússia foi o exemplo para o fascismo. Não se trata de um acidente, nem de uma piada de mau gosto da história. Aqui, a duplicação de sistemas não é aparente, mas real. Tudo aponta para o fato de que estamos lidando com expressões e consequências de princípios idênticos aplicados a diferentes níveis de desenvolvimento histórico e político. Quer os "comunistas" partidários gostem ou não, o fato é que a ordem e o regime de Estado na Rússia são indistinguíveis dos da Itália e da Alemanha. Essencialmente, são semelhantes. Pode-se falar de um "Estado soviético" vermelho, preto ou marrom, assim como de um fascismo vermelho, preto ou marrom. Embora existam certas diferenças ideológicas entre esses países, a ideologia nunca é de importância primordial. Além disso, as ideologias são mutáveis e tais mudanças não refletem necessariamente o caráter e as funções do aparelho estatal. Ademais, o fato de a propriedade privada ainda existir na Alemanha e na Itália é apenas uma modificação de importância secundária. A abolição da propriedade privada por si só não garante o socialismo. A propriedade privada também pode ser abolida dentro do capitalismo. O que de fato determina uma sociedade socialista é, além da eliminação da propriedade privada dos meios de produção, o controle dos trabalhadores sobre os produtos de seu trabalho e o fim do sistema salarial. Ambas as conquistas não foram alcançadas na Rússia, assim como na Itália e na Alemanha. Embora alguns possam supor que a Rússia esteja um passo mais próxima do socialismo do que os outros países, isso não significa que seu "Estado soviético" tenha ajudado o proletariado internacional a se aproximar de seus objetivos de luta de classes. Pelo contrário, o fato de a Rússia se autodenominar um Estado socialista engana e ilude os trabalhadores do mundo. O trabalhador consciente sabe o que é o fascismo e o combate, mas, no que diz respeito à Rússia, muitas vezes se deixa levar pelo mito de sua natureza socialista. Essa ilusão impede uma ruptura completa e decisiva com o fascismo, pois impede a luta fundamental contra as razões, as condições prévias e as circunstâncias que, na Rússia, assim como na Alemanha e na Itália, levaram a um Estado e a um sistema de governo idênticos. Assim, o mito russo se transforma em uma arma ideológica de contrarrevolução. Não é possível que o homem sirva a dois senhores. Nem um Estado totalitário pode fazer tal coisa. Se o fascismo serve a interesses capitalistas e imperialistas, não pode servir às necessidades dos trabalhadores. Se, apesar disso, Se duas classes aparentemente opostas favorecem o mesmo sistema de Estado, é óbvio que algo está errado. Uma das classes está em erro. Ninguém deve dizer aqui que o problema é meramente formal e, portanto, sem importância real, que, embora as formas políticas sejam idênticas, seu conteúdo pode variar amplamente. Isso seria autoengano. Para o marxista, tais coisas não ocorrem; para ele, forma e conteúdo se encaixam e não podem ser dissociados. Ora, se o Estado soviético serve de modelo para o fascismo, ele deve conter elementos estruturais e funcionais que também são comuns ao fascismo. Para determinar quais são esses elementos, devemos retornar ao "sistema soviético" estabelecido pelo leninismo, que é a aplicação dos princípios do bolchevismo às condições russas. E se uma identidade entre bolchevismo e fascismo puder ser estabelecida, então o proletariado não pode, ao mesmo tempo, combater o fascismo e defender o "sistema soviético" russo. Em vez disso, a luta contra o fascismo deve começar com a luta contra o bolchevismo.

II.

Desde o início, o bolchevismo foi para Lenin um fenômeno puramente russo. Durante os muitos anos de sua atividade política, ele jamais tentou elevar o sistema bolchevique a formas de luta em outros países. Era um social-democrata que via em Bebel e Kautsky os líderes afáveis da classe trabalhadora e ignorou a ala esquerda do movimento socialista alemão que lutava contra esses heróis de Lenin e contra todos os outros oportunistas. Ignorando-os, permaneceu em constante isolamento, cercado por um pequeno grupo de emigrantes russos, e continuou sob a influência de Kautsky mesmo quando a esquerda alemã, sob a liderança de Rosa Luxemburgo, já estava engajada em luta aberta contra o kautskismo. Lenin se preocupava apenas com a Rússia. Seu objetivo era o fim do sistema feudal czarista e a conquista da maior influência política possível para seu partido social-democrata dentro da sociedade burguesa. Contudo, ele percebeu que só poderia se manter no poder e impulsionar o processo de socialização se conseguisse desencadear a revolução mundial dos trabalhadores. Mas sua própria atuação nesse aspecto foi bastante infeliz. Ao contribuir para o retorno dos trabalhadores alemães aos partidos, sindicatos e parlamento, e ao destruir simultaneamente o movimento dos soviets alemães, os bolcheviques deram uma mãozinha para a derrota da revolução europeia que despertava. O Partido Bolchevique, composto por revolucionários profissionais de um lado e grandes massas atrasadas de outro, permaneceu isolado. Não conseguiu desenvolver um verdadeiro sistema soviético durante os anos de guerra civil, intervenção, declínio econômico, experimentos fracassados de socialização e o improvisado Exército Vermelho. Embora os soviets, desenvolvidos pelos mencheviques, não se encaixassem no esquema bolchevique, foi com a ajuda deles que os bolcheviques chegaram ao poder. Com a estabilização do poder e o processo de reconstrução econômica, o Partido Bolchevique não soube como coordenar o estranho sistema soviético com suas próprias decisões e atividades. Não obstante, o socialismo também era o desejo dos bolcheviques, e precisava do proletariado mundial para sua realização. Lénin considerava essencial conquistar os trabalhadores do mundo para os métodos bolcheviques. Era preocupante que os trabalhadores de outros países, apesar do grande triunfo do bolchevismo, demonstrassem pouca inclinação para aceitar a teoria e a prática bolcheviques, tendendo, em vez disso, para o movimento dos conselhos que surgiu em vários países, especialmente na Alemanha. Lénin não podia mais utilizar esse movimento dos conselhos na Rússia. Em outros países europeus, ele demonstrava fortes tendências de oposição às revoltas de cunho bolchevique. Apesar da enorme propaganda de Moscou em todos os países, os chamados "ultraesquerdistas", como o próprio Lénin apontou, agitavam com mais sucesso pela revolução com base no movimento dos conselhos do que todos os propagandistas enviados pelo Partido Bolchevique. Após o bolchevismo, o Partido Comunista permaneceu um grupo pequeno, histérico e barulhento, composto em grande parte pelos resquícios proletarizados da burguesia, enquanto o movimento dos conselhos ganhava força proletária real e atraía os melhores elementos da classe trabalhadora. Para lidar com essa situação, a propaganda bolchevique precisava ser intensificada; a "ultraesquerda" precisava ser atacada; sua influência precisava ser destruída em favor do bolchevismo. Uma vez que o sistema soviético havia fracassado na Rússia, como ousaria a "concorrência" radical tentar provar ao mundo que o que o bolchevismo não conseguiu realizar na Rússia poderia muito bem ser alcançado independentemente dele em outros lugares? Contra essa concorrência, Lenin escreveu seu panfleto "Radicalismo, Doença Infantil do Comunismo", ditado pelo medo de perder o poder e pela indignação com o sucesso dos hereges. Inicialmente, o panfleto foi publicado com o subtítulo "Tentativa de uma exposição popular da estratégia e tática marxista", mas posteriormente essa declaração ambiciosa e tola foi removida. Foi um pouco demais. Esta bula papal agressiva, grosseira e odiosa era material legítimo para qualquer contrarrevolucionário. De todas as declarações programáticas do bolchevismo, foi a que melhor revelou seu verdadeiro caráter. É o bolchevismo desmascarado. Quando Hitler suprimiu toda a literatura socialista e comunista na Alemanha em 1933, o panfleto de Lenin foi autorizado a ser publicado e distribuído. Quanto ao conteúdo do panfleto, não nos interessa aqui o que ele diz em relação à Revolução Russa, à história do bolchevismo, à polêmica entre o bolchevismo e outras correntes do movimento operário, ou às circunstâncias que permitiram a vitória bolchevique, mas apenas os pontos principais que, na época da discussão entre Lenin e a "ultraesquerdismo", ilustravam as diferenças decisivas entre os dois oponentes. Esta bula papal agressiva, grosseira e odiosa era material valioso para qualquer con-

trarrevolucionário. De todas as declarações programáticas do bolchevismo, foi a que melhor revelou seu verdadeiro caráter. É o bolchevismo desmascarado. Quando Hitler suprimiu toda a literatura socialista e comunista na Alemanha em 1933, o panfleto de Lenin foi autorizado a ser publicado e distribuído. Quanto ao conteúdo do panfleto, não nos interessa aqui o que ele diz a respeito da Revolução Russa, da história do bolchevismo, da polêmica entre o bolchevismo e outras correntes do movimento operário, ou das circunstâncias que permitiram a vitória bolchevique, mas apenas os pontos principais que, na época da discussão entre Lenin e o ultraesquerdismo, ilustravam as diferenças decisivas entre os dois oponentes. Esta bula papal agressiva, grosseira e odiosa era material valioso para qualquer contrarrevolucionário. De todas as declarações programáticas do bolchevismo, foi a que melhor revelou seu verdadeiro caráter. É o bolchevismo desmascarado. Quando Hitler suprimiu toda a literatura socialista e comunista na Alemanha em 1933, o panfleto de Lenin foi autorizado a ser publicado e distribuído. Quanto ao conteúdo do panfleto, não nos interessa aqui o que ele diz a respeito da Revolução Russa, da história do bolchevismo, da polêmica entre o bolchevismo e outras correntes do movimento operário, ou das circunstâncias que permitiram a vitória bolchevique, mas apenas os pontos principais que, na época da discussão entre Lenin e o ultraesquerdismo, ilustravam as diferenças decisivas entre os dois oponentes.

III.

O Partido Bolchevique, originalmente a seção social-democrata russa da Segunda Internacional, foi construído não na Rússia, mas durante o exílio. Após a cisão em Londres, em 1903, a ala bolchevique da social-democracia russa não passava de uma pequena seita. As "massas" que a sustentavam existiam apenas na mente de seu líder. Contudo, essa pequena vanguarda era uma organização rigorosamente disciplinada, sempre pronta para lutas militantes e continuamente expurgada para manter sua integridade. O partido era considerado a academia de guerra de revolucionários profissionais. Seus principais requisitos pedagógicos eram a autoridade incondicional do líder, o centralismo rígido, a disciplina férrea, o conformismo, a militância e o sacrifício da personalidade em prol dos interesses do partido. O que Lenin de fato desenvolveu foi uma elite de intelectuais, um centro que, ao ser lançado na revolução, capturaria a liderança e assumiria o poder. Não adianta tentar determinar lógica e abstratamente se esse tipo de preparação para a revolução é certo ou errado. O problema deve ser resolvido dialeticamente. Outras questões também devem ser levantadas: Que tipo de revolução estava sendo preparada? Qual era o objetivo da revolução? O partido de Lenin atuou no âmbito da tardia revolução burguesa na Rússia para derrubar o regime feudal do czarismo. Quanto mais centralizada e determinada fosse a vontade do partido dirigente em tal revolução, maior seria o sucesso no processo de formação do Estado burguês e mais promissora a posição da classe proletária dentro da estrutura do novo Estado. Contudo, o que pode ser considerado uma solução feliz para os problemas revolucionários em uma revolução burguesa não pode, ao mesmo tempo, ser considerado uma solução para a revolução proletária. A diferença estrutural decisiva entre a sociedade burguesa e a nova sociedade socialista exclui tal postura. Segundo o método revolucionário de Lenin, os líderes se apresentam como a cabeça das massas. Dotados da devida formação revolucionária, são capazes de compreender as situações e dirigir e comandar as forças de combate. São revolucionários profissionais, os generais do grande exército civil. Essa distinção entre cabeça e corpo, intelectuais e massas, oficiais e soldados rasos corresponde à dualidade da sociedade de classes, à ordem social burguesa. Uma classe é educada para governar; a outra, para ser governada. É dessa antiga fórmula de classe que surgiu o conceito de partido de Lenin. Sua organização é apenas uma réplica da realidade burguesa. Sua revolução é objetivamente determinada pelas forças que criam uma ordem social incorporando essas relações de classe, independentemente dos objetivos subjetivos que acompanham esse processo. Quem deseja uma ordem burguesa encontrará na separação entre líder e massas, vanguarda e classe trabalhadora, a preparação estratégica ideal para a revolução. Quanto mais inteligente e instruído, quanto melhor for a liderança e quanto mais disciplinadas e obedientes forem as massas, maiores serão as chances de sucesso de tal revolução. Ao aspirar à revolução burguesa na Rússia, o partido de Lenin era o mais adequado ao seu objetivo. Quando, porém, a revolução russa mudou de caráter, quando suas características proletárias vieram à tona, os métodos táticos e estratégicos de Lenin deixaram de ter valor. Se ele obteve sucesso mesmo assim, não foi por causa de sua vanguarda, mas por causa do movimento soviético, que não havia sido incorporado aos seus planos revolucionários. E quando Lenin, após a revolução bem-sucedida realizada pelos soviéticos, descartou novamente esse movimento, tudo o que havia sido proletário na Revolução Russa também foi descartado. O caráter burguês da Revolução voltou à tona, encontrando sua conclusão natural no stalinismo. Apesar de sua grande preocupação com a dialética marxista, Lenin não foi capaz de enxergar os processos histórico-sociais de maneira dialética. Seu pensamento permaneceu mecanicista, seguindo regras rígidas. Para ele, havia apenas um partido revolucionário — o seu; apenas uma revolução — a russa; apenas um método — o bolchevique. E o que funcionara na Rússia funcionaria também na Alemanha, na França, nos Estados Unidos, na China e na Austrália. O que era correto para a revolução burguesa na Rússia também seria correto para a revolução proletária mundial. A aplicação monótona de uma fórmula outrora descoberta girava em um círculo egocêntrico, imperturbável pelo tempo e pelas circunstâncias, pelos graus de desenvolvimento, pelos padrões culturais, pelas ideias e pelos homens. Em Lenin, tornou-se evidente, com grande clareza, o domínio da era da máquina na política; ele era o "técnico", o "inventor" da revolução, o representante da vontade onipotente do líder. Todas as características fundamentais do fascismo estavam presentes em sua doutrina, sua estratégia, seu "planejamento" social e sua arte de lidar com as pessoas. Ele não conseguia enxergar o profundo significado revolucionário da rejeição das políticas

partidárias tradicionais pela esquerda. Não conseguia compreender a real importância do movimento soviético para a orientação socialista da sociedade. Jamais aprendeu a conhecer os pré-requisitos para a libertação dos trabalhadores. Autoridade, liderança e força, exercidas de um lado, e organização, quadros e subordinação, do outro — essa era sua linha de raciocínio. Disciplina e ditadura são as palavras mais frequentes em seus escritos. É compreensível, portanto, por que ele não conseguia compreender nem apreciar as ideias e ações da "ultraesquerda", que não aceitava sua estratégia e que exigia o que era mais óbvio e mais necessário para a luta revolucionária pelo socialismo: que os trabalhadores tomassem o seu destino em suas próprias mãos, de uma vez por todas. Em Lenin, ficou evidente com grande clareza o domínio da era da máquina na política; ele era o "técnico", o "inventor" da revolução, o representante da vontade onipotente do líder. Todas as características fundamentais do fascismo estavam presentes em sua doutrina, sua estratégia, seu "planejamento" social e sua arte de lidar com os homens. Ele não conseguia enxergar o profundo significado revolucionário da rejeição das políticas partidárias tradicionais pela esquerda. Não compreendia a real importância do movimento soviético para a orientação socialista da sociedade. Jamais aprendeu a conhecer os pré-requisitos para a libertação dos trabalhadores. Autoridade, liderança e força, exercidas de um lado, e organização, quadros e subordinação, do outro — essa era sua linha de raciocínio. Disciplina e ditadura são as palavras mais frequentes em seus escritos. É compreensível, portanto, por que ele não conseguia compreender nem apreciar as ideias e ações da 'ultraesquerda', que não aceitava sua estratégia e que exigia o que era mais óbvio e mais necessário para a luta revolucionária pelo socialismo, ou seja, que os trabalhadores tomassem o seu destino em suas próprias mãos de uma vez por todas.

IV.

Tomar as rédeas do próprio destino — essa palavra-chave para todas as questões do socialismo — era o verdadeiro cerne de todas as polêmicas entre a extrema-esquerda e os bolcheviques. A divergência sobre a questão partidária era paralela à divergência sobre o sindicalismo. A extrema-esquerda defendia que não havia mais lugar para revolucionários nos sindicatos; que era necessário que eles desenvolvessem suas próprias formas de organização dentro das fábricas, nos locais de trabalho comuns. Contudo, graças à sua autoridade imerecida, os bolcheviques conseguiram, mesmo nas primeiras semanas da revolução alemã, empurrar os trabalhadores de volta para os sindicatos capitalistas reacionários. Para combater a extrema-esquerda, para denunciá-la como estúpida e contrarrevolucionária, Lenin, em seu panfleto, mais uma vez utiliza suas fórmulas mecanicistas. Em seus argumentos contra a posição da esquerda, ele não se refere aos sindicatos alemães, mas às experiências sindicais dos bolcheviques na Rússia. É um fato geralmente aceito que, em seus primórdios, os sindicatos foram de grande importância para a luta de classes proletária. Os sindicatos na Rússia eram jovens e justificavam o entusiasmo de Lenin. No entanto, a situação era diferente em outras partes do mundo. Úteis e progressistas em seus começos, os sindicatos nos países capitalistas mais antigos transformaram-se em obstáculos à libertação dos trabalhadores. Transformaram-se em instrumentos de contrarrevolução, e a esquerda alemã tirou suas conclusões dessa mudança de cenário. O próprio Lenin não pôde deixar de declarar que, com o passar do tempo, desenvolveu-se uma camada de uma "aristocracia operária estritamente sindicalista, imperialista, arrogante, vaidosa, estéril, egocêntrica, pequeno-burguesa, subornada e desmoralizada". Essa corporação de corrupção, essa liderança mafiosa, hoje governa o movimento sindical mundial e vive às custas dos trabalhadores. Era desse movimento sindical que a extrema-esquerda falava quando exigia que os trabalhadores o abandonassem. Lenin, porém, respondeu demagogicamente apontando para o jovem movimento sindical na Rússia, que ainda não compartilhava o caráter dos sindicatos já consolidados em outros países. Utilizando uma experiência específica em um dado período e sob circunstâncias particulares, ele julgou possível extrair dela conclusões de aplicação mundial. O revolucionário, argumentava, deve sempre estar onde as massas estão. Mas, na realidade, onde estão as massas? Nas sedes dos sindicatos? Nas assembleias de membros? Nas reuniões secretas da direção com os representantes capitalistas? Não, as massas estão nas fábricas, em seus locais de trabalho; e lá é necessário obter sua cooperação e fortalecer sua solidariedade. A organização fabril, o sistema de conselhos, é a verdadeira organização da revolução, que deve substituir todos os partidos e sindicatos. Nas organizações fabris não há espaço para liderança profissional, nem separação entre líderes e seguidores, nem distinção de casta entre intelectuais e operários, nem terreno para egoísmo, competição, desmoralização, corrupção, esterilidade e filistinismo. Aqui, os trabalhadores devem tomar as rédeas da situação. Mas Lenin pensava diferente. Ele queria preservar os sindicatos; transformá-los por dentro; remover os dirigentes social-democratas e substituí-los por dirigentes bolcheviques; substituir uma burocracia ruim por uma boa. A ruim cresce na social-democracia; a boa, no bolchevismo. Vinte anos de experiência, entretanto, demonstraram a idiotice de tal conceito. Seguindo o conselho de Lenin, os comunistas tentaram todos os métodos possíveis para reformar os sindicatos. O resultado foi nulo. A tentativa de formar seus próprios sindicatos também foi nula. A competição entre o trabalho sindical social-democrata e o bolchevique era uma competição de corrupção. As energias revolucionárias dos trabalhadores foram esgotadas nesse mesmo processo. Em vez de se concentrarem na luta contra o fascismo, os trabalhadores se envolveram em uma experimentação insensata e infrutífera, a serviço de diversas burocracias. As massas perderam a confiança em si mesmas e em suas organizações. Sentiram-se enganadas e traídas. Os métodos do fascismo — ditar cada passo dos trabalhadores, impedir o despertar da iniciativa própria, sabotar qualquer indício de consciência de classe, desmoralizar as massas por meio de inúmeras derrotas e torná-las impotentes — todos esses métodos já haviam sido desenvolvidos nos vinte anos de atuação dos sindicatos, de acordo com os princípios bolcheviques. A vitória do fascismo foi tão fácil porque os líderes sindicais e partidários haviam preparado o material humano capaz de ser inserido no esquema fascista. Os trabalhadores estavam envolvidos em uma experimentação insensata e sem resultados, em benefício de diversas burocracias. As massas perderam a confiança em si mesmas e em suas organizações. Sentiam-se enganadas e traídas. Os métodos do fascismo — ditar cada passo dos trabalhadores, impedir o despertar

da iniciativa própria, sabotar qualquer indício de consciência de classe, desmoralizar as massas por meio de inúmeras derrotas e torná-las impotentes — todos esses métodos já haviam sido desenvolvidos nos vinte anos de atuação dos sindicatos, de acordo com os princípios bolcheviques. A vitória do fascismo foi tão fácil porque os líderes sindicais e partidários haviam preparado o material humano capaz de ser inserido no esquema fascista. Os trabalhadores estavam envolvidos em uma experimentação insensata e sem resultados, em benefício de diversas burocracias. As massas perderam a confiança em si mesmas e em suas organizações. Sentiam-se enganadas e traídas. Os métodos do fascismo — ditar cada passo dos trabalhadores, impedir o despertar da iniciativa própria, sabotar qualquer indício de consciência de classe, desmoralizar as massas por meio de inúmeras derrotas e torná-las impotentes — todos esses métodos já haviam sido desenvolvidos nos vinte anos de atuação dos sindicatos, de acordo com os princípios bolcheviques. A vitória do fascismo foi tão fácil porque os líderes sindicais e partidários haviam preparado o material humano capaz de ser inserido no esquema fascista.

V.

Na questão do parlamentarismo, Lenin também aparece como defensor de uma instituição política decadente, que se tornara um obstáculo ao desenvolvimento político e um perigo para a emancipação proletária. A extrema-esquerda combatia o parlamentarismo em todas as suas formas. Recusava-se a participar das eleições e não respeitava as decisões parlamentares. Lenin, porém, dedicava-se intensamente às atividades parlamentares e lhes atribuía grande importância. A extrema-esquerda declarava o parlamentarismo historicamente ultrapassado, mesmo como veículo de agitação, e o via apenas como uma fonte contínua de corrupção política, tanto para parlamentares quanto para trabalhadores. O parlamentarismo embotava a consciência revolucionária e a coerência das massas, criando ilusões de reformas legalistas, e, em momentos críticos, transformava-se em arma de contrarrevolução. Era preciso destruí-lo ou, na ausência de outras opções, sabotá-lo. A tradição parlamentar, que ainda desempenhava um papel na consciência proletária, deveria ser combatida. Para alcançar o efeito oposto, Lenin utilizou a estratégia de distinguir entre as instituições historicamente e politicamente ultrapassadas. Certamente, argumentava ele, o parlamentarismo era historicamente obsoleto, mas não politicamente, e era preciso lidar com ele. Era preciso participar, pois ainda desempenhava um papel político. Que argumento! O capitalismo também é obsoleto apenas historicamente, e não politicamente. Segundo a lógica de Lenin, não é possível combater o capitalismo de forma revolucionária. Seria necessário encontrar um compromisso. Oportunismo, barganha, negociações políticas — essa seria a consequência da tática de Lenin. A monarquia também é superada apenas historicamente, e não politicamente. Segundo Lenin, os trabalhadores não teriam o direito de aboli-la, mas seriam obrigados a encontrar uma solução de compromisso. O mesmo se aplicaria à Igreja, também apenas historicamente, e não politicamente, ultrapassada. Além disso, o povo, em grande número, pertence à Igreja. Como revolucionário, Lenin apontou que era preciso estar onde as massas estavam. A coerência o obrigaria a dizer: "Entrem na Igreja; é o seu dever revolucionário!" Por fim, há o fascismo. Um dia, também o fascismo será historicamente ultrapassado, mas politicamente ainda estará presente. O que fazer então? Aceitar o fato e fazer um pacto com o fascismo. Segundo o raciocínio de Lenin, um pacto entre Stalin e Hitler apenas ilustraria que Stalin é, de fato, o melhor discípulo de Lenin. E não será nenhuma surpresa se, num futuro próximo, os agentes bolcheviques saudarem o pacto entre Moscou e Berlim como a única tática revolucionária verdadeira. A posição de Lenin sobre a questão do parlamentarismo é apenas mais uma demonstração de sua incapacidade de compreender as necessidades e características essenciais da revolução proletária. Sua revolução é inteiramente burguesa; é uma luta pela maioria, por cargos governamentais, pelo controle do aparato legislativo. Ele realmente considerava importante obter o máximo de votos possível nas campanhas eleitorais, ter uma forte fração bolchevique nos parlamentos, ajudar a determinar a forma e o conteúdo da legislação, participar do governo político. Ele não percebeu que hoje o parlamentarismo é uma mera farsa, uma ilusão vazia, e que o verdadeiro poder da sociedade burguesa reside em lugares completamente diferentes; que, apesar de todas as possíveis derrotas parlamentares, a burguesia ainda teria à sua disposição meios suficientes para afirmar sua vontade e seus interesses em esferas extraparlamentares. Lenin não viu os efeitos desmoralizantes que o parlamentarismo tinha sobre as massas, não percebeu o envenenamento da moral pública pela corrupção parlamentar. Subornados, comprados e intimidados, os políticos parlamentares temiam por sua renda. Houve um tempo na Alemanha pré-fascista em que os reacionários no parlamento conseguiam aprovar qualquer lei desejada simplesmente ameaçando dissolver o parlamento. Para os políticos parlamentares, nada era mais terrível do que uma ameaça que implicasse o fim de seus rendimentos fáceis. Para evitar tal fim, eles diriam sim a qualquer coisa. E como está hoje na Alemanha, na Rússia, na Itália? Os hilotas parlamentares são sem opinião, sem vontade própria, e não passam de servos submissos de seus mestres fascistas. Não há dúvida de que o parlamentarismo está totalmente degenerado e corrupto. Mas por que o proletariado não impediu essa deterioração de um instrumento político que outrora fora usado para seus propósitos? Acabar com o parlamentarismo por meio de um ato revolucionário heroico teria sido muito mais útil e educativo para a consciência proletária do que o miserável teatro em que o parlamentarismo terminou na sociedade fascista. Mas tal atitude era totalmente estranha a Lenin, assim como é estranha a Stalin hoje. Lenin não se preocupava com a libertação dos trabalhadores de sua escravidão mental e física; não se inco-

modava com a falsa consciência das massas e sua autoalienação. Para ele, todo o problema era nada mais, nada menos que um problema de poder. Como um burguês, ele pensava em termos de ganhos e perdas, mais ou menos, crédito e débito; e todos os seus cálculos pragmáticos lidam apenas com coisas externas: número de membros, votos, cadeiras no parlamento, posições de controle. Seu materialismo é um materialismo burguês, que lida com mecanismos, não com seres humanos. Ele não é realmente capaz de pensar em termos sócio-históricos. Para ele, parlamento é parlamento; um conceito abstrato no vácuo, que tem o mesmo significado em todas as nações, em todos os tempos. Certamente, ele reconhece que o parlamento passa por diferentes estágios, e aponta isso em suas discussões, mas não utiliza seu próprio conhecimento em sua teoria e prática. Em suas polêmicas pró-parlamentares, ele se esconde atrás dos primeiros parlamentos capitalistas, na fase ascendente do capitalismo, para não ficar sem argumentos. E se ataca os parlamentos antigos, o faz a partir da perspectiva dos jovens e há muito ultrapassados. Em suma, ele decide que a política é a arte do possível. Contudo, para os trabalhadores, a política é a arte da revolução.

VI.

Resta abordar a posição de Lenin sobre a questão dos compromissos. Durante a Primeira Guerra Mundial, a social-democracia alemã vendeu-se à burguesia. Contudo, contra a sua vontade, herdou a revolução alemã. Isso foi possível, em grande parte, graças à ajuda da Rússia, que contribuiu para aniquilar o movimento dos conselhos alemães. O poder que caiu no colo da social-democracia foi usado para nada. A social-democracia simplesmente renovou sua antiga política de colaboração de classes, satisfeita em compartilhar o poder sobre os trabalhadores com a burguesia no período de reconstrução do capitalismo. Os trabalhadores radicais alemães reagiram a essa traição com o lema: "Nenhum compromisso com a contrarrevolução". Eis um caso concreto, uma situação específica, que exigia uma decisão clara. Lenin, incapaz de reconhecer as verdadeiras questões em jogo, transformou essa questão concreta e específica em um problema geral. Com ares de general e a infalibilidade de cardeal, tentou persuadir a extrema-esquerda de que compromissos com opositores políticos, em quaisquer circunstâncias, são um dever revolucionário. Se hoje lermos as passagens do panfleto de Lenin que tratam de compromissos, seremos levados a comparar as observações de Lenin em 1920 com a atual política de compromissos de Stalin. Não há um único pecado capital da teoria bolchevique que não tenha se tornado realidade bolchevique sob Lenin. Segundo Lenin, a extrema-esquerda deveria ter concordado em assinar o Tratado de Versalhes. No entanto, o Partido Comunista, ainda em consonância com Lenin, fez um compromisso e protestou contra o Tratado de Versalhes em colaboração com os hitleristas. O "nacional-bolchevismo" propagandeado em 1919 na Alemanha pelo esquerdista Lauffenberg era, na opinião de Lenin, "um absurdo que clama aos céus". Mas Radek e o Partido Comunista — novamente em consonância com o princípio de Lenin — concluíram um compromisso com o nacionalismo alemão, protestaram contra a ocupação da bacia do Ruhr e celebraram o herói nacional Schlageter. A Liga das Nações era, nas próprias palavras de Lenin, "um bando de ladrões e bandidos capitalistas", contra os quais os trabalhadores só podiam lutar até o fim. No entanto, Stalin — de acordo com as táticas de Lenin — fez um acordo com esses mesmos bandidos, e a URSS entrou para a Liga. O conceito de "povo" ou "povo" é, na opinião de Lenin, uma concessão criminosa à ideologia contrarrevolucionária da pequena burguesia. Isso não impediu os leninistas, Stalin e Dimitrov, de fazerem um acordo com a pequena burguesia para lançar o movimento bizarro da "Frente Popular". Para Lenin, o imperialismo era o maior inimigo do proletariado mundial, e contra ele todas as forças deviam ser mobilizadas. Mas Stalin, novamente em verdadeiro estilo leninista, está bastante ocupado em arquitetar uma aliança com o imperialismo de Hitler. É necessário oferecer mais exemplos? A experiência histórica ensina que todos os acordos entre revolução e contrarrevolução só podem servir a esta última. Elas levam apenas à falência do movimento revolucionário. Toda política de compromisso é uma política de falência. O que começou como um mero compromisso com a social-democracia alemã encontrou seu fim em Hitler. O que Lenin justificou como um compromisso necessário encontrou seu fim em Stalin. Ao diagnosticar a intransigência revolucionária como "uma doença infantil do comunismo", Lenin sofria da doença velhice do oportunismo, do pseudocomunismo.

VII.

Se analisarmos criticamente a imagem do bolchevismo apresentada no panfleto de Lenin, podemos reconhecer os seguintes pontos principais como características do bolchevismo:

1. O bolchevismo é uma doutrina nacionalista. Originalmente concebido para resolver um problema nacional, foi posteriormente elevado a teoria e prática de âmbito internacional e a doutrina geral. Seu caráter nacionalista também se manifesta em sua posição sobre a luta pela independência nacional das nações oprimidas.
2. O bolchevismo é um sistema autoritário. O topo da pirâmide social é o ponto mais importante e determinante. A autoridade se concretiza na figura onipotente. No mito do líder, o ideal da personalidade burguesa celebra seus maiores triunfos.
3. Organizacionalmente, o bolchevismo é altamente centralizado. O comitê central é responsável por toda a iniciativa, liderança, instrução e ordens. Assim como no Estado burguês, os membros dirigentes da organização desempenham o papel da burguesia; o único papel dos trabalhadores é obedecer às ordens.
4. O bolchevismo representa uma política de poder militante. Interessado exclusivamente no poder político, não difere das formas de governo no sentido burguês tradicional. Mesmo na organização propriamente dita, não há autodeterminação por parte dos membros. O exército serve ao partido como o grande exemplo de organização.
5. O bolchevismo é uma ditadura. Utilizando força bruta e medidas terroristas, direciona todas as suas funções para a supressão de todas as instituições e opiniões não bolcheviques. Sua "ditadura do proletariado" é a ditadura de uma burocracia ou de um único indivíduo.
6. O bolchevismo é um método mecanicista. Ele aspira à coordenação automática, à conformidade tecnicamente assegurada e ao totalitarismo mais eficiente como objetivo da ordem social. A economia centralizada e "planejada" confunde conscientemente problemas técnico-organizacionais com questões socioeconômicas.
7. A estrutura social do bolchevismo é de natureza burguesa. Não abole o sistema salarial e recusa a autodeterminação proletária sobre os produtos do trabalho. Permanece, portanto, fundamentalmente dentro da estrutura de classe da ordem social burguesa. O capitalismo se perpetua.
8. O bolchevismo é um elemento revolucionário apenas no âmbito da revolução burguesa. Incapaz de concretizar o sistema soviético, é, portanto, incapaz de transformar essencialmente a estrutura da sociedade burguesa e sua economia. Ele instaura não o socialismo, mas o capitalismo de Estado.
9. O bolchevismo não é uma ponte que conduza, eventualmente, à sociedade socialista. Sem o sistema soviético, sem a revolução radical total dos homens e das coisas, ele não pode satisfazer a mais essencial de todas as exigências socialistas, que é o fim da alienação do ser humano no capitalismo. Ele representa o último estágio da sociedade burguesa e não o primeiro passo rumo a uma nova sociedade.

Esses nove pontos representam uma oposição intransponível entre bolchevismo e socialismo. Eles demonstram com toda a clareza necessária o caráter burguês do movimento bolchevique e sua estreita relação com o fascismo. Nacionalismo, autoritarismo, centralismo, ditadura de um líder, políticas de poder, regime de terror, dinâmicas mecanicistas e incapacidade de socialização — todas essas características essenciais do fascismo existiam no bolchevismo e ainda existem. O fascismo é meramente uma cópia do bolchevismo. Por essa razão, a luta contra um deve começar com a luta contra o outro.

Acervo Digital Anarquista

Otto Rühle

A luta contra o fascismo começa com a luta contra o bolchevismo
1939

<http://digitelephant.blogspot.com/2010/08/struggle-against-fascism-begins-with.html>

acervodigital.anarchistlibraries.net